

A IMPORTÂNCIA DE UMA FORMAÇÃO QUE UNE PRÁTICA E TEORIA PARA DOCÊNCIA EM SOCIOLOGIA

Lia Lopes Manhães de Carvalho, UNESP/FFC, CAPES, lia.manhaes@unesp.br
Eixo 09: Formação de professores

THE IMPORTANCE OF A TRAINING PROGRAM THAT INTEGRATES PRACTICE AND THEORY FOR TEACHING SOCIOLOGY

Resumo

Este trabalho foi desenvolvido durante o ano de 2023, buscando ressaltar a importância de uma formação completa para uma prática docente significativa. A desenvoltura prática não extingue a necessidade de que o profissional docente possa desenvolver uma análise baseada em fundamentos teóricos bem estruturados durante a sua formação profissional. Apresento aqui minha análise sociológica e algumas das atividades práticas que fizeram parte da experiência desenvolvida durante o período que participei das atividades realizadas, por mim e por colegas parceiros, no subprojeto PIBID/Sociologia desenvolvido junto a Universidade Estadual Paulista (campus de Marília) em duas escolas estaduais na cidade de Marília/SP, que tratarei atenas como escola 1 e escola 2 daqui por diante. As atividades foram orientadas pelo professor de sociologia e itinerário formativo e pelo coordenador do Programa PIBID. As turmas atendidas nas duas escolas referem-se ao 3º ano do ensino médio, nos dois casos as disciplinas ministradas fazem parte dos itinerários formativos.

Palavras Chave: Formação para docência, prática docente, docente em sociologia.

Abstract

This work was developed during the year 2023, aiming to emphasize the importance of a comprehensive education for meaningful teaching practice. Practical proficiency does not diminish the necessity for educators to engage in analyses based on well-structured theoretical foundations acquired during their professional training. I present here my sociological analysis and some of the practical activities that were part of the experiences I engaged in, alongside fellow colleagues, in the PIBID/Sociology subproject conducted at the UNESP (Marília campus) in two state schools in Marília/SP. The activities were guided by sociology professor and educational itinerary coordinator, as well as the program coordinator.

The classes attended at both schools correspond to the third year of high school, and in both cases, the subjects taught are part of the educational itineraries.

Keywords: Teacher education, teaching practice, sociology educator.

Introdução

O trabalho de realizar uma análise sociológica de uma escola está muito além das legislações, dos muros e espaços físicos desta, por certo que também envolve esta dimensão, mas os sujeitos que compõem este espaço, a conjuntura política e o tempo histórico que será analisado tem papel fundamental para este trabalho. Cada escola é um espaço vivo e único, depende das interações internas e de cada sujeito que nele atua em cada tempo. Segundo Antônio Cândido,

O conhecimento adequado desta realidade só pode efetuar-se mediante a análise sociológica, que torna translúcida a carapaça administrativa, dando acesso à dinâmica das relações nem sempre reconhecíveis pela observação desprevenida e que exprimem o que é próprio à vida escolar. (Cândido, 1983).

Não é novo dizer que alguns desafios se colocam frente a licenciatura, e em nossa experiência na escola essas dificuldades se fizeram presentes. A configuração das disciplinas que compõem o itinerário apresenta desafios próprios, no nosso caso a descontinuidade do trabalho do professor, e consequentemente o nosso, na escola 1 foi um deles. Neste sentido tivemos pouco tempo de interação com cada turma o que dificultou o aprofundamento de um elo com os sujeitos que participam do ambiente escolar durante o desenvolvimento do programa.

Entre as escolas que desenvolvemos o trabalho, a escola 2 foi mais acolhedora conosco do que a escola 1, o que foi muito benéfico para o nosso desenvolvimento como futuros professores. O acolhimento da direção da escola 2, na figura da diretora, me permitiu ter acesso ao Plano Político Pedagógico (PPP) da escola e por este motivo tenho mais informações para compor este trabalho, local onde também desenvolvi o estágio obrigatório do curso de Ciências Sociais.

Quanto às atividades desenvolvidas, na sua maioria foram semelhantes nas duas escolas por serem disciplinas do itinerário formativo que tinham o mesmo objetivo e as turmas eram distintas, impedindo a continuidade das atividades na primeira turma.

Escolas

Sobre a escola 1, local onde desenvolvemos o trabalho no primeiro semestre de 2023, fundada em 1980 e recebeu o nome do professor, inspetor e delegado regional de ensino. Localizada no bairro de Palmital, conjunto habitacional popular antigo na zona norte de Marília, que já conta com equipamentos estatais para minimamente atender as necessidades da população deste bairro.

A estrutura física da escola é boa, tendo os mesmos problemas arquitetônicos dos prédios antigos, quando não se tinha preocupação com acessibilidade. Dispõe de internet, biblioteca, quadra esportiva coberta, laboratório de ciência, laboratório de informática, sala de leitura, pátio coberto, pátio descoberto, sala de professores, secretaria e área para alimentação. Quanto aos recursos didáticos, a escola segue as normas gerais da Secretaria de Educação usando os materiais indicados, sejam eles livros didáticos ou materiais digitais, o quadro branco e a televisão estão a disposição para uso também.

É uma escola regular que contempla o Ensino Fundamental II e o Ensino Médio. Desenvolvemos nossas atividades no período noturno, público com perfil de jovens trabalhadores, que estão inseridos em uma rotina de dupla - muitas vezes tripla - jornada de trabalho e estudos, desta forma durante o dia dedicam-se ao trabalho (formal ou não), no período noturno se dedicam a escola. O cansaço é visível e o desinteresse muitas vezes apareceu em nossas atividades, por terem como objetivo principal o mundo do trabalho e consequentemente a sobrevivência material. Em virtude do cansaço e da priorização do trabalho (entendendo que essa escolha não é individual e sim determinada socialmente), os estudantes são, em sala de aula, apáticos e dispersos às aulas, preferindo a socialização com os colegas e a utilização das redes sociais, reflexo da exaustiva jornada por eles vivenciada que muitas vezes não permite que essas coisas sejam feitas em momento mais adequado.

Já a escola 2 está localizada no distrito de Padre Nóbrega, na cidade de Marília, tendo sofrido grande impacto da expansão imobiliária da cidade na região norte. Localidade que até então mantinha as características de pequeno conglomerado e com a maior parte das famílias vivendo na zona rural, tem assistido a implantação de conjuntos habitacionais populares que já alcançaram os limites do distrito.

Nascida na área de abrangência do ramal Paulista da ferrovia, Padre Nóbrega era uma pequena localidade que servia a principal atividade econômica da região, o escoamento da produção de café. Com a paralisação da atuação ferroviária no interior do estado, e a brutal diminuição da atividade cafeeira na região, o distrito aos poucos mudou seu papel social na região. As antigas fazendas cafeeiras, que ocupavam região geográfica privilegiada por

compor parte da pequena área plana na região, passam a ser loteadas e ocupadas, primeiro por chácaras de veraneio mas, nos últimos anos, também por habitações populares.

Essa mudança na forma de ocupação do solo, impacta toda a estrutura social da comunidade deste distrito, haja visto que este tipo de habitação tem como principal perfil populacional jovens famílias da classe trabalhadora, o que prescinde da administração pública antever que haverá forte impacto sobre o sistema de saúde, transporte e educação. Não foi o que se viu, o que aconteceu foi o aumento brutal da população sem a ampliação dos equipamentos estatais para minimamente atender esta população.

O primeiro conjunto habitacional que lá se instala é fruto da política pública de desfavelamento de diversas regiões na cidade de Marília no ano de 2009, população sabidamente vulnerável e, portanto, dependente da oferta de serviços públicos. A política de desfavelamento visa ampliar o acesso à Habitação de Interesse Social que tem como definição ser uma moradia digna, regular e atendida por serviços públicos destinada a população de baixa renda, em localidades urbanas e rurais. Posteriormente são instalados outros conjuntos habitacionais para atender ao público que se encaixa no programa do Governo Federal Minha Casa Minha Vida, sendo população menos vulnerável economicamente que os primeiros, mas ainda assim um público que necessita ser atendido por diversos serviços públicos.

A pouca densidade demográfica, uma das principais características do distrito de Padre Nóbrega, vai sendo aos poucos alterada. Ainda assim se nota no perímetro central, onde está localizada a escola 2, as características de sociabilidade de pequeno povoado. A grande igreja central, católica, com uma praça bem arborizada no entorno com grandes sibipirunas floridas trazendo uma sensação bucólica ao ambiente, que nas noites quentes é o espaço de encontro e socialização da comunidade local, agora com alguns vendedores de alimentos no estilo ‘fast food’, que não atrapalham as brincadeiras infantis. Sem deixar de lado a tensão instalada no que diz respeito aos costumes e tradições agora misturados em um mesmo espaço geográfico, tradição religiosa de uma comunidade conservadora coexistindo com rodas de conversa embaladas a ritmos juvenis e batalhas de rap.

Na educação, que é o espaço que me coube observar com um pouco mais de cuidado, começo a fazê-lo pela criação da própria escola em 1953, neste momento atendendo as séries iniciais do antigo Ginásio, hoje Ensino Fundamental I, contando também com algumas classes de educação mista. Lembrando a predominância da população rural neste momento, a escola ainda contava com classes mistas oferecidas nas localidades rurais mais distantes. Hoje a escola atende a todo processo escolar, do 1º ano do Ensino Fundamental I ao 3º ano do

Ensino Médio, ministrando as aulas nos três períodos do dia, ficando dividido pelas séries ofertadas, pela manhã ensino Fundamental I, à tarde Fundamental II e no período noturno o Ensino Médio. Habitualmente o Ensino Médio é ofertado no período noturno apenas para estudantes que apresentem comprovação de trabalho, mas no Distrito de Padre Nóbrega não há oferta do Ensino Médio em outro turno o que permite que esta regra não seja tão rígida, e provavelmente justifica estudantes mais participativos e menos cansados que na escola anterior.

A escola possuía 717 estudantes matriculados de acordo com o Plano Político Pedagógico (PPP) vigente, realizado em 2019. Sendo a única do distrito, está em sua capacidade máxima, atendendo estudantes moradores do próprio distrito de Padre Nóbrega e dos bairros vizinhos recém construídos (Trieste, Montana e Maracá), observo que a prefeitura disponibiliza transporte para que estudantes moradores da região se desloquem até a escola 2, e também para uma outra escola localizada na região norte de Marília que também recebe os estudantes destes bairros, complementando as vagas necessárias e, no caso do Ensino Médio, ofertando aulas diurnas para estes jovens.

Ainda de acordo com o PPP, o espaço físico da escola 2 conta com 9 salas de aula, biblioteca, sala de professores, sala de coordenação pedagógica, diretoria, informática, almoxarifado, cozinha, sanitários administrativos e para estudantes, pátio coberto, área de convivência, secretaria e duas quadras, uma coberta e a outra não. O espaço físico é pequeno, sendo um prédio térreo, as salas de aula além de pequenas e mal ventiladas, possuem poucas carteiras e cadeiras, que só são suficientes pela baixa frequência dos estudantes, constatada no período de atuação - no dia da Prova Paulista, por exemplo, que a maioria dos estudantes do fundamental II se apresentaram na unidade escolar, faltaram cadeiras e carteiras nas salas de aula. O pátio interno é coberto e usado para alimentação, também é pequeno para a quantidade de estudantes por turno e suas mesas e bancos são dimensionados para estudantes de pouca estatura, é este pequeno pátio que recebe todas as portas dos outros ambientes do prédio. A escola conta ainda com duas quadras, uma delas coberta, mas não são utilizadas nem no intervalo, nem para aula, seguindo recomendações da secretaria de educação estadual, salvo para realização de atividades específicas.

As duas escolas aqui citadas apresentam em sua estrutura um conjunto de elementos físicos que traz a sensação de hostilidade, uma sensação de que ‘não me cabe aqui’, o que conhecemos como arquitetura hostil. Grades e trancas em todos as passagens, lugares de convivência apertados, sem conforto térmico, fazem parte de um modelo de escola que tem se espalhado como regra mas utilizando o discurso da exceção: excepcionalmente a necessidade

de ampliar a oferta de vagas, tem permitido escolas cada vez mais superlotadas, sem condições mínimas inclusive de saúde, já a necessidade de ampliar a segurança tem permitido a instalação de grades, trancas, câmeras, catracas, contratação de vigilantes, entre outras ações de segurança típicas de locais, como escola, onde há suspensão de liberdade, mesmo que temporariamente. Mas, como utilizam um discurso de necessidade extrema, essas ações recebem o apoio da comunidade que, em condições de ‘normalidade’ seriam rechaçadas pela sociedade, pelos indivíduos que atuam nas escolas.

Muito já se disse sobre esta forma de ver o espaço escolar, trago a contribuição das autoras Zan e Possato (2014),

Não podemos nos esquecer de que a organização de uma arquitetura igualmente é uma organização política. Funari e Zarankin (2005) salientam que a arquitetura e a organização dos espaços escolares estruturam-se por meio dos discursos produzidos pelo poder. Assim, a estrutura física materializa as relações sociais existentes em seu interior e no imaginário social, transformando-se em um dispositivo que classificará, organizará, ordenará e hierarquizará os indivíduos. As instituições são dispositivos de poder, que “cumprem uma função fundamental como elementos disciplinadores e de domesticação, cujos efeitos ideológicos, uma vez internalizados, estarão sempre presentes ao longo da vida de cada pessoa” (Funari e Zarankin, 2005, p.142).

Ainda fazendo um paralelo entre as duas escolas, as relações entre os indivíduos que atuam de forma direta na escola, (estudantes, professores, direção e funcionários) refletem as tensões comuns ao espaço escolar, e as relações entre jovens, jovens adultos e adultos. Tensões que advém de um misto de interpretações da condição juvenil e do protagonismo permitido ou negado ao jovem a depender da situação e dos atores envolvidos. Mas, há entre elas uma profunda diferença. Enquanto na escola 1 essa tensão é “resolvida” com atitudes repressivas e caras fechadas dos funcionários, na escola 2 observei uma gestão empenhada na comunicação não violenta e acolhedora, solícita e sorridente, buscando a escuta antes da resposta pronta, desmanchando um tanto essa sensação de exclusão e opressão que permeia as relações dentro do ambiente escolar.

Não há em mim a ideia de deixar um relato fantasioso, mas há uma necessidade de registrar que o ambiente excludente atinge a todos os indivíduos que participam do espaço escolar, e impactam suas ações. Para desenvolver a ideia de arquitetura hostil me apoio no conceito de poder simbólico de Bourdieu (1989, p. 7), “é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem”. Este conceito nos auxilia no processo de compreensão do

controle e regulação social que é exercido sobre os indivíduos, tendo eles consciência disso ou não, e visto de forma naturalizada pela sociedade.

Ali, na escola 2, também há o controle e broncas típicas do ambiente escolar, mas que costumam terminar com um sorriso, mesmo que singelo. Comigo, a receptividade em todos os ambientes da escola foi muito boa, na sala dos professores na maioria das vezes estava acontecendo uma conversa amigável e sobre assuntos variados onde eu era incluída, apenas em um dia alguns professores comentavam sobre estudantes, mas com carinho e preocupação com alguns jovens que em breve seriam pais.

A maioria dessa turma também é composta por estudantes trabalhadores, o comércio e empresas de telemarketing são os maiores empregadores, mas ainda temos alguns estudantes que trabalham em atividades rurais e domésticas. Contamos com estudantes participativos para as atividades, apesar de nossa aula acontecer sempre às sextas-feiras nas últimas aulas do período noturno, momento em que o cansaço da semana já se apresenta em forma de aparente apatia. A sala de aula contava em média com 15 a 20 estudantes, apesar de ter 43 matriculados. Essa baixa frequência é observada em outras turmas e tem sido o desafio da escola nos últimos anos, principalmente nas noites de sexta-feira. Como estratégia para melhorar a frequência dos estudantes acompanhei algumas noites em que as quadras foram abertas para jogos de vôlei e futebol, descontraídos contavam com a presença de estudantes de diversas turmas e professores, o que mudava os ânimos da noite. Não conto com os dados para mensurar a eficácia desta estratégia, mas fato é que nas últimas aulas do ano a turma estava mais cheia, alguns estudantes eu ainda não conhecia.

Não há, na maioria dos estudantes, a ideia de continuidade do ensino ingressando em um curso de nível superior, dado que também consta no PPP da escola feito em 2019. Essa informação no PPP negatizou a hipótese que eu tinha de que esta falta de motivação estaria intimamente ligada à pandemia de COVID-19, que alterou o funcionamento escolar e deixou profundas deficiências de conteúdo e socialização nos estudantes deste tempo. O PPP relata, frente a uma pesquisa feita com os estudantes, que a maioria deles não vê sentido em frequentar a escola, cumprindo isso como obrigação, mas os estudantes não depositam na escola a esperança de oportunidades melhores no mercado de trabalho.

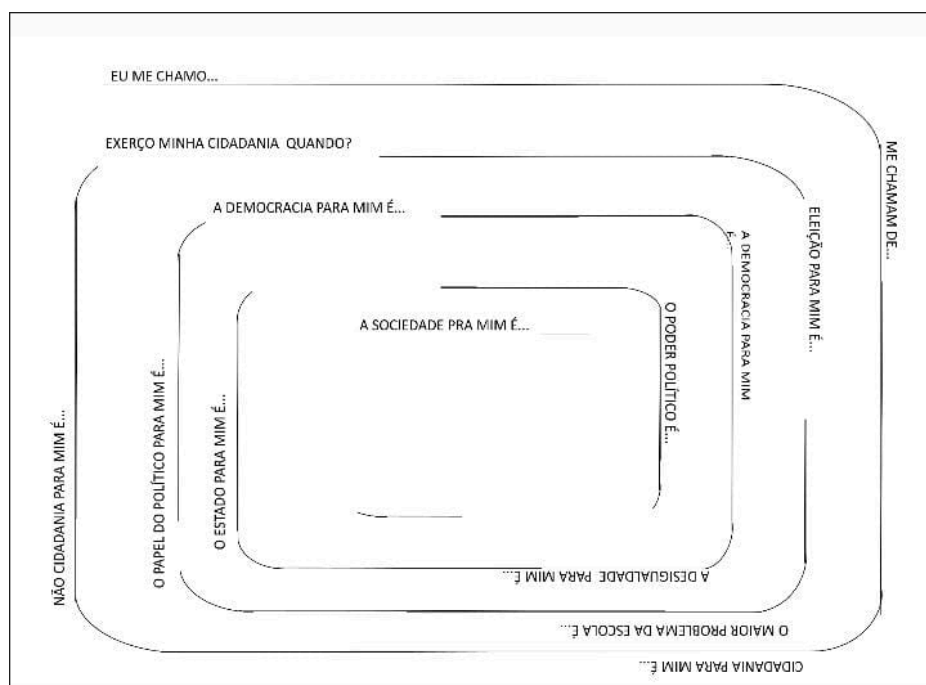
Metodologia

O projeto PIBID/Sociologia desenvolvido junto a Universidade Estadual Paulista, campus de Marília, teve duração de dezoito meses e durante este período foram realizadas reuniões semanais, nas dependências do campus, direcionadas ao estudo e a preparação das atividades que seriam realizadas

em sala de aula. Nessas reuniões o professor coordenador trouxe textos e discussões que utilizamos como para refletir sobre o trabalho docente e seus desdobramentos, ampliando as reflexões desenvolvidas durante as aulas da licenciatura em Sociologia, ligando-as com ações práticas desenvolvidas no PIBID. Junto ao professorado Ensino Médio, fizemos um panorama da disciplina de Sociologia durante os três anos do Ensino Médio, refletindo sobre possibilidades e dificuldades do programa oferecido para as escolas públicas do estado de São Paulo, um panorama geral da disciplina e do nosso objetivo final com a disciplina quando concluído o Ensino Médio. Concomitantemente a estes estudos, utilizamos parte desta reunião para organizar e planejar o material que seria utilizado em sala de aula. Nas escolas, atuamos junto terceiro ano do Ensino Médio no Itinerário Formativo Diálogos acerca dos Direitos Humanos, onde trouxemos textos e atividades sobre a Formação do Estado (autores clássicos sobre o tema), e a história de luta dos Movimentos Sociais em busca do efetivo gozo dos direitos previstos pelo Estado pelas minorias políticas.

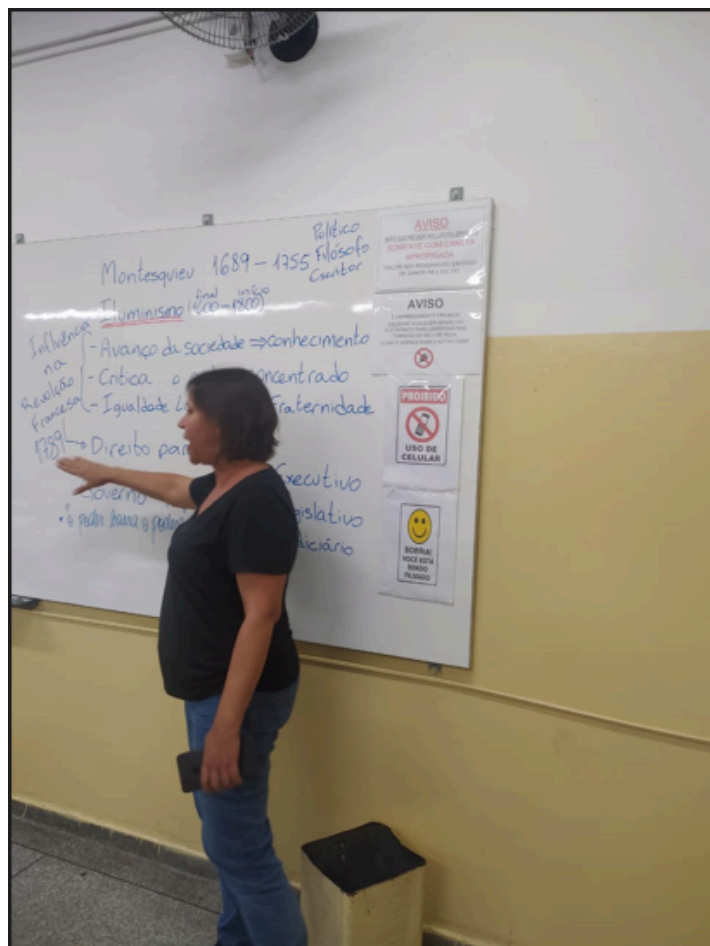
As atividades

Em nossa primeira participação nas aulas junto às turmas fizemos a aplicação da Atividade do Espiral, esta atividade consiste na entrega de uma folha (abaixo) com perguntas relevantes para a disciplina que será trabalhada durante o semestre. Buscando reconhecer o conhecimento que os estudantes já possuem sobre o tema e, a partir daí, nortear nossas ações na escola.



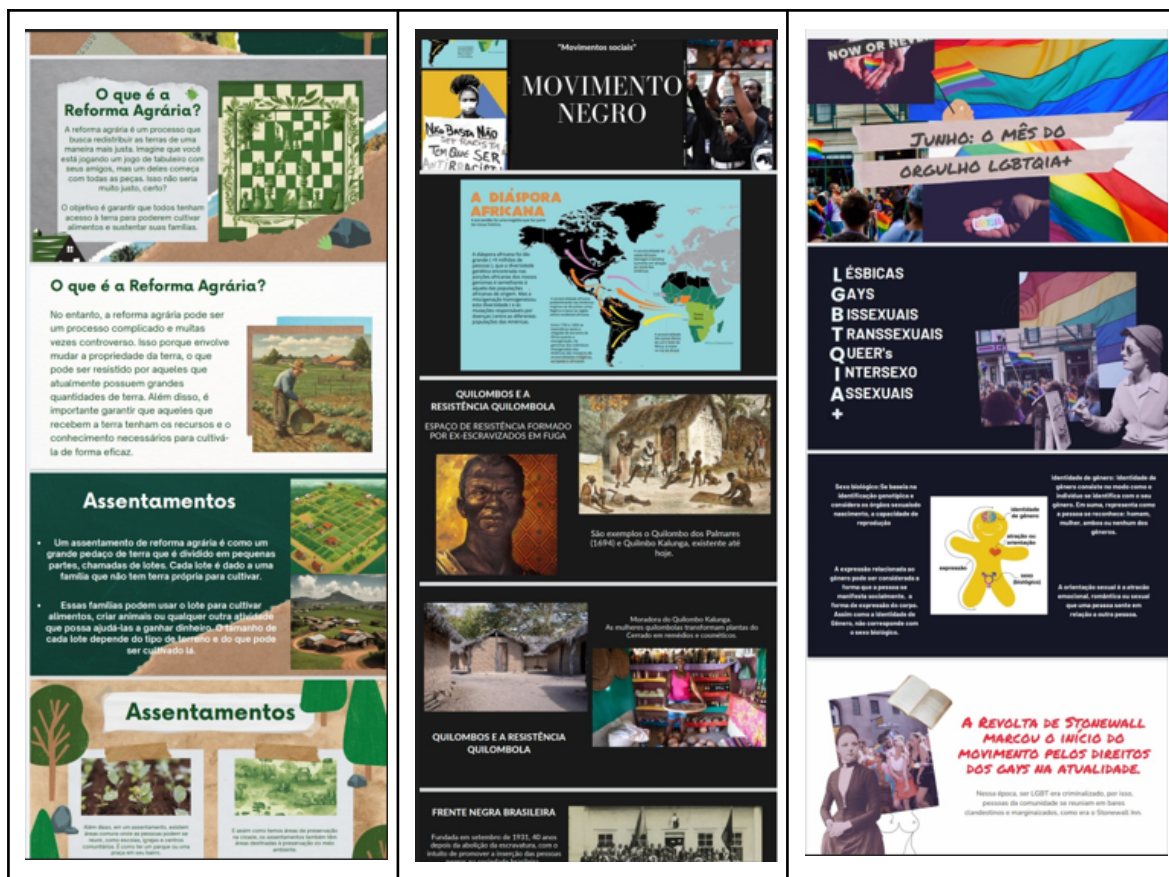
Atividade desenvolvida pelo grupo PIBID.

Nas aulas posteriores desenvolvemos aulas expositivas e debates sobre autores contratualistas, para refletir sobre o conceito de Direito e alcançar o objetivo do itinerário que versa sobre Direitos Humanos.



Aula do dia 12/04/2023, escola 1, registro por Isabela F. Santos.

A partir daí trabalhamos os movimentos sociais como forma de conquista de direitos de grupos invisibilizados, optamos por fazer slides para trabalhar o movimento pela reforma agrária, movimento negro e movimento LGBTQIA+, o movimento feminino fizemos um debate. Essa sequência se encerrou com a Dinâmica das Opressões, momento em que trabalhamos o conceito de Interseccionalidade. A dinâmica consiste em posicionar os estudantes em pé na parede do fundo da sala e ir sorteando frases com situações de opressão e/ou discriminação sofridas em função da raça, classe e/ou gênero, a cada frase lida quem já vivenciou essa situação dá um passo a frente. Nosso objetivo foi trazer para o mundo concreto as diversas formas de opressões vivenciadas no dia a dia pelos estudantes da turma.



Fotos dos slides apresentados durante as aulas, registros meus.

Em alguns dias a escola 2 propunha atividades em quadra para os estudantes, apenas em um dos dias essa atividade tomou a aula toda, no outro dia foi apenas uma pequena ampliação do intervalo, o que nos permitiu dar continuidade ao conteúdo planejado.



Atividade em quadra dia 18/08/2023, escola 2, registrada por mim.

Resultados

Refletir sobre a prática da docência inclui se conectar ao mundo da docência. É necessário refletir sobre todos os atores envolvidos neste contexto para que essa prática seja de fato significativa para todos. Seguindo por este caminho gostaria de trazer aqui dois aspectos relevantes para que eu me torne uma docente consciente do meu papel e da minha atuação.

Uma das características dos estudantes do ensino médio regular é ser jovem, e este conceito tem como definição possível a idade cronológica e segundo a OMS (Organização Mundial de Saúde) a juventude vai de 15 a 29 anos, sendo dividida em três espaços menores (15 - 18 jovens adolescentes, 19 - 24 jovem jovem, 25 - 29 jovem adulto) e neste quesito estamos sim falando de jovens. Mas essa definição não é a única, há uma grande discussão teórica sobre o ser jovem e o que caracteriza essa fase da vida. Ser uma ‘fase’ é outra definição, uma fase que se encontra entre a infância e a vida adulta. Podemos então, partindo da ideia de ‘fase’, supor que o indivíduo deixa de ser jovem no momento que ele entra na ‘fase’ adulta. E o que caracteriza a ‘fase’ adulta? Conversando informalmente com alguns estudantes, ‘ser adulto’ é ter responsabilidade financeira, trabalhar e/ou ter família, se apropriando desta definição que vem dos próprios estudantes podemos dizer que muitos ali já se encontram neste processo e vivem estas ‘duas fases’ concomitantemente, apesar de estarem na escola que ainda é considerada uma atividade juvenil, já são adultos em suas vidas fora do ambiente escolar.

Essa última é a definição que adoto quando penso em jovem, em ser jovem e até mesmo em ter sua juventude negada. Pois o jovem que transita entre as “duas fases” teve sua juventude interrompida por uma série de circunstâncias que, uma vez iniciada, não permitem retorno. E isso em nada é representado pela idade cronológica, as condições de vida de cada indivíduo marcam o fim da juventude e o início da idade adulta.

Este jovem, que já possui experiências da vida adulta, chega na escola com conhecimentos variados e o que eles desejam de nós docentes é que os notemos, valorizemos e sobretudo que os respeitemos em suas diferenças. Não somos todos iguais, somos diferentes e precisamos nos esforçar para garantir o direito de sermos assim.

Para ser professor de Sociologia, assim como nas demais disciplinas, temos enfrentado o desafio de ministrar aulas a partir de um conjunto de slides desenvolvidos por uma empresa terceirizada contratada pela Secretaria de Educação do Estado de São Paulo e distribuídos pelo sistema governamental, Secretaria de Educação Digital, SED, formato que desconsidera as diferenças e individualidades. Esse formato deixa claro o que o autor Antônio

Candido (1983) nos traz sobre a necessidade de uma análise sociológica e, através dela, reelaborar o espaço escolar como algo autônomo e vivo,

Caso, porém, seja capaz de apreender a realidade total da escola, o educador poderá analisar de maneira adequada à realidade de cada escola, que não lhe aparecerá mais como “estabelecimento de ensino” a ser enquadrado nas normas racionais da Legislação Escolar, mas como algo autônomo, vivo no que tem de próprio e por assim dizer único: que requer portanto ajustamento correspondente dessas normas, visto como possui outras, que devem ser levadas em conta. (Candido,1983).

Desconsiderando totalmente a ideia de termos diferenças entre as unidades escolares do estado todo, e buscando formas de impedir que os professores e diretores organizem estratégias de trabalhar de forma individual, as últimas propostas do Governo do Estado de São Paulo dobram a aposta no controle da atuação em sala de aula e, os desafios que já eram muitos, se ampliam: os slides são iguais para todas as escolas, ignorando as diversidades de cada público atendido em cada unidade escolar; são muito conteudistas, o que exige que o professor passe rapidamente pelo conteúdo buscando alcançar a aplicação total do material proposto.

Além de conteudista temos, estudantes e professores, identificado diversas informações erradas ou incompletas, outra deficiência é a falta de referência nos textos e materiais apresentados. Agravando a situação, este material é a base para as provas estaduais de avaliação do estudante e da escola e, as notas obtidas são base para o plano de distribuição de recursos estaduais. Esse conjunto de desafios coloca ainda mais pressão sobre o trabalho desenvolvido no ambiente escolar que, muitas vezes, ainda precisa vencer uma etapa inicial, a internet pouco eficiente, para só então poder utilizar qualquer um destes sistemas propostos, seja fazer a chamada, seja abrir os slides.

Durante a disciplina de Estágio cursada no segundo semestre do ano de 2023, buscamos responder uma pergunta norteadora: “Qual o papel da escola na formação do sujeito?”, busquei nos próprios sujeitos estudantes uma resposta que, em conversas informais, relatam que não têm se sentido parte do processo de formação, e não veem nenhuma razão para estar ali ao invés de estar trabalhando, ou se recompondo para ir ao trabalho, além da obrigação legal. As necessidades diárias estão tão pungentes na atualidade, tomam o espaço de vida destes estudantes, não há expectativa de futuro ou sonhos a conquistar. Por ter participado de outras experiências escolares neste ano letivo observei este mesmo movimento em estudantes da mesma faixa etária em escolas e bairros muito diversos.

E para os docentes? Será que a resposta para essa pergunta seria diferente? Qual é o papel desta escola na formação do sujeito docente? Na minha experiência, confesso que me senti pouco atuante quando estamos apenas apresentando um slide que vem pronto, o docente é muito mais do que um mero reproduzidor de conteúdo, neste sentido uma formação completa que reúna atividades práticas na escola e discussões teóricas como foi a experiência de participar do Programa PIBID enquanto participava das aulas da licenciatura e da disciplina sociologia da juventude, do programa ProfSocio, foi extremamente relevante para reflexões como estas que apresentei aqui.

A formação que une em um único tempo, prática e discussões teóricas, enriquecem a formação do futuro docente. Autores cuidadosamente escolhidos para trabalhar cada tema proporcionam a formação de profissionais reflexivos, com arcabouço teórico suficiente para trabalhar temas relevantes. Além de nos capacitar para ler, de forma aprofundada o ambiente escolar e seus atores, saindo da prática habitual de argumentos rasos que fazem parte do imaginário popular e do senso comum, que culpabiliza os indivíduos por suas dificuldades, deixando de lado a importância do ambiente social. Este movimento é relevante para a construção de uma escola mais democrática e, até mesmo, mais eficiente.

O papel da escola tem sido muito questionado, sobretudo nos tempos atuais, cabe também a nós, docentes em formação, nos colocarmos neste debate e ampliar a discussão sobre o sentido da escola principalmente para os estudantes que serão instruídos a partir desta instituição.

Referências

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A, 1989.

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BRIOLI, Flávia. **Gênero e desigualdade**: Limites da democracia no Brasil. Rio de Janeiro. Boitempo, 2018.

CALVI, Pedro. **Brasil é o país que mais mata população LGBTQIA+**.

Disponível:<<https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-permanentes/clp/noticias/brasil-e-o-pais-que-mais-mata-populacao-lgbtqia-clp-aprova-seminario-sobre-o-tema>>.

Acesso em: 15/08/2023.

CANDIDO, A. A estrutura da escola. In PEREIRA, L., FORACCHI, M. M. **Educação e sociedade**. 11ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1983.

CRENSHAW, KIMBERLÉ. **Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero**. Estudos Feministas. v. 10, n. 1, p. 171-188, jan. 2002.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Org. e trad. de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1990.

FUNARI, Pedro Paulo; ZARANKIN, Andrés. **Cultura Material escolar: o papel da arquitetura.** Pró-posições, n. 16, v. 1, p. 135-144. Campinas: Unicamp, 2005.

KOSIK, Karel. **A dialética do concreto.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976. LÖWY, Michael.

MAQUIAVEL, Nicolau. **O príncipe.** São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2010.

MENDONÇA, Sueli Guadalupe de Lima. **A crise de sentidos e significados na escola: a contribuição do olhar sociológico.** CEDES, Campinas, v. 31, n. 85, p. 341-357, 22 set. 2011.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia: polêmicas do nosso tempo.** 32. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 1999. cap. 2, p. 47-60.

ZAN, Dirce; POSSATO, Beatris Cristina **Espaços cerrados: as marcas da violência e do controle na arquitetura das escolas,** in Revista e-Curriculum, vol. 12, núm. 3, outubro-diciembre, 2014, pp. 2176-2191 Pontifícia Universidade Católica de São Paulo São Paulo, Brasil.